



GONÇALO COUCEIRO, DIRECTOR REGIONAL DE CULTURA DO ALGARVE

Oferta cultural tem vindo a crescer em quantidade e qualidade

O director regional de Cultura do Algarve não tem dúvidas em afirmar que a oferta cultural da região algarvia tem vindo a crescer em quantidade e qualidade. **Gonçalo Couceiro** lembra que o apoio às actividades amadoras é a grande razão de ser desta Direcção Regional, sendo que são justamente os grupos e artistas amadores que têm dado um importante contributo à dinamização e

diversificação da oferta cultural de uma região que, recebendo visitantes de todo o mundo, se caracteriza por um público heterogéneo, aberto a um vasto número de ofertas culturais. Para este responsável, ir ao encontro do público e saber o que este quer, é outro dos grandes desafios que se põem a uma entidade que é também responsável pela gestão dos mais emblemáticos monumentos da re-

gião que, recebendo visitantes de todo o mundo, se caracteriza por um público heterogéneo, aberto a um vasto número de ofertas culturais. Para este responsável, ir ao encontro do público e saber o que este quer, é outro dos grandes desafios que se põem a uma entidade que é também responsável pela gestão dos mais emblemáticos monumentos da re-

gião que, recebendo visitantes de todo o mundo, se caracteriza por um público heterogéneo, aberto a um vasto número de ofertas culturais. Para este responsável, ir ao encontro do público e saber o que este quer, é outro dos grandes desafios que se põem a uma entidade que é também responsável pela gestão dos mais emblemáticos monumentos da re-

gião que, recebendo visitantes de todo o mundo, se caracteriza por um público heterogéneo, aberto a um vasto número de ofertas culturais. Para este responsável, ir ao encontro do público e saber o que este quer, é outro dos grandes desafios que se põem a uma entidade que é também responsável pela gestão dos mais emblemáticos monumentos da re-

A 97ª de 100 Grandes Entrevistas

Das 100 Grandes Entrevistas, a Personalidades que o POSTAL considera relevantes para o Algarve e para os seus leitores, irão ser compiladas as de maior interesse jornalístico no Livro Comemorativo que vai assinalar o 20º aniversário do POSTAL em 2007.

o mais importante, encher os espaços e as salas onde se apresentam.

Autarquias asseguram mais de 50% do investimento em cultura

O apoio a iniciativas na área da cultura por parte das autarquias tem vindo a aumentar na região?

É isso que confirmam as estatísticas e os números, com apoios por parte das autarquias locais e da administração central, sendo que há diferenciação entre o tipo de actividades apoiadas pela administração central ou pela administração local. Segundo um estudo publicado há cerca de três anos pelo Observatório das Actividades Culturais, mais de 50% do investimento em iniciativas culturais era assegurado por via da administração local.

surgem de vez em quando. Há públicos para um show ou um concerto integrado num festival de motards e há públicos para o **Carmina Burana**. E os públicos interceptam-se, há quem vá com a esposa e há quem vá só, há quem vá a um festival de rock e quem vá apenas a um festival de música clássica. O que verificamos é que temos cada vez mais oferta e cada vez mais diversa. A oferta é dirigida para todos os sectores. Recordo que quando foi feita a Faro 2005, Capital Nacional da Cultura, houve iniciativas em música clássica, em música ligeira ou jazz, em música que é bastante acarinhada, como foi o Festival Internacional de Acordeão, uma iniciativa feita pela Associação de Bordeira e Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe, em que a sala não chegou para toda a gente.

O público do Algarve é homogéneo ou é um somatório de vários públicos?

Há sempre públicos para tudo, não há iniciativas que levem todo o público, excepto no caso de fenómenos como os **Beatles** ou outros, que só

Porque é que há este grande interesse por uma forma de música tão tradicional como o acordeão?

Temos bons acordeonistas, e há um interesse genuíno pela nossa música. Temos públicos diversos, e ainda bem que é

Entrevista Henrique Dias com Helga Simão

POSTAL do ALGARVE – Quais são as principais funções da Direcção Regional de Cultura?

Gonçalo Couceiro – No âmbito da nova estrutura orgânica do Ministério da Cultura, cabe às Direcções Regionais de Cultura assegurar acções de apoio a associações não profissionais, logo, de carácter amador, que desenvolvam actividade nas áreas artísticas, como o teatro, a música e a edição, e também no chamado "património imaterial". A nossa acção é limitada ao apoio às estruturas regionais ou a acções que tenham importância no desenvolvimento cultural da região, ainda que promovidas por entidades externas, desde que se interliguem à promoção do nosso património cultural, dos nossos agentes culturais e de grupos e companhias não profissionais.

Os agentes culturais estabelecidos no Algarve desenvolvem a sua acção em que áreas?

Temos uma grande actividade na música. Há grandes escolas de música, como a Academia de Música de La-

gos, o Conservatório Regional do Algarve Maria Campina, outras pequenas de música. Há ainda o Conservatório de Olhão, que é um conservatório mais recente mas que tem tido uma actividade não tão ampla como os conservatórios antigos, mas também bastante diferenciada. O património cultural do Algarve é um património que se individualiza, o que também contribui para a afirmação das potencialidades e da identidade cultural do Algarve. Há uma música popular algarvia e há associações, como grupos folclóricos e bandas, que têm uma grande actividade e aceitação junto da população. No campo do teatro, é curioso verificar que o Algarve tem um conjunto de estruturas profissionais, de que é exemplo a ACTA – Companhia de Teatro do Algarve, ou outras estruturas profissionais que se dedicam à produção, como a DeVir, que é uma estrutura de desenvolvimento, quer de produções, quer de programas de espectáculo que se tem vindo a desenvolver bastante.

A educação no campo artístico tem vindo a ganhar projecção no Algarve?

Vai haver um Encontro Nacional sobre a Educação Artística, de 29 a 31 deste mês, no Porto, e, numa reunião preparatória

que fizemos em Évora, foi com satisfação que registámos que vários agentes artísticos e personalidades também lá participaram. Há entidades, escolas, associações e agentes culturais individuais que estão a trabalhar na preparação e que deram as suas ideias e contributos. É bom que esta conferência nacional que se vai fazer, e que se segue a uma conferência europeia que teve lugar em 2005, tenha também a participação do Algarve. E se há agentes e instituições que estão a trabalhar isso é um sinal revelador de que há uma dinâmica e temos de perceber o que se está a passar para sermos de alguma utilidade. O que é importante é que as coisas avancem para haver mais motivação, até nesta renovação que é necessária, da vida cultural, não só aqui como em todo o lado.

E no que diz respeito a estruturas amadoras?

A actividade profissional desenvolve-se a par de outras estruturas amadoras, que não têm uma presença continuada ou estão ainda voltadas para a produção intensiva de espectáculos, ao longo de temporadas bem definidas. Mas temos várias companhias de teatro, como o Teatro da Estrada, em Alte, o Grupo Ar Quente, o Al-Masrah Teatro,

Tem havido uma maior afirmação destas duas áreas específicas, a música e o teatro, nos últimos anos?

Nestes últimos anos, há muitos sinais de vitalidade e os próprios sinais das estruturas profissionais que temos, como a Orquestra do Algarve e a companhia de teatro ACTA, indicam que há muitos caminhos a ser abertos. Recentemente, tivemos a História do Soldado e a ópera "O Empresário", de **Mozart**. Estão a surgir novas coisas. Isto é sinal de que há e continua a haver estruturas, mas essas estruturas também estão à procura de novos caminhos. Ninguém sabe como é que estará a ópera no Algarve daqui a dez anos, mas sabemos que neste momento estão a ser dados passos importantes. Estruturas que individualmente não teriam capacidade de produzir ópera, conseguem associar-se e produzir ópera, conseguem concorrer a programas e conseguem sobretudo, que isso é que é

» Bilhete de Identidade

QUEM É?

Tem desenvolvido actividade como engenheiro técnico electrotécnico, historiador da arte e exercido profissão liberal para empresas públicas e privadas. Desempenhou funções no Instituto Português do Património Arquitectónico, no Instituto Cultural de Macau, nos Gabinetes do Secretário Adjunto para os Assuntos Sociais e do Governador em Macau. Foi consultor sénior da Lisboa 94 Capital Europeia da Cultura, de 1996 a 2005, consultor para os Assuntos Culturais da Casa Civil do Presidente Jorge Sampaio. Tem vários trabalhos publicados, nomeadamente sobre a Arte dos Jesuítas na China e em Macau, em que se especializou na École Partique des Hautes Études, na Sorbonne.



O QUE FAZ?

Actualmente é o director regional de Cultura do Algarve, serviço descentralizado do Ministério da Cultura.

» Perfil

Idade: 51 anos, 19-04-1956.

Sigmo: Carneiro.

Profissão: Historiador da arte, engenheiro técnico electrotécnico, artes plásticas.

Local onde reside: São Brás de Alportel.

Tempos Livres: Leitura, música, equitação, desenho, gastronomia e de preferência com os amigos.

Livros: Corte na Aldela, de Rodrigues Lobo, Pena Capital, de Mário Cesariny, Origem da Tragédia, de Nietzsche, Juliano, de Gore Vidal, Poemas de Alberto Carneiro, Classical Principles of the Art of Training Horses, entre muitos do Mestre Nuno Oliveira, Ética Prática, de Peter Singer, entre tantas outras escolhas possíveis que vão dos grandes clássicos aos contemporâneos, como M. Houellebecq, ou obras das mais diversas áreas como a Cozinha Tradicional Portuguesa de M. de Lurdes Modesto a que recorro muito.

Qualidade: Cabe a outros responder.

Defeito: Mais do que um.

Destino das últimas férias: Não pratico o que habitualmente se faz e se chama de férias. Viajo por interesses muito focalizados e específicos, como a música, exposições ou viagens para estar com alguns amigos que vivem mais longe. De férias mesmo? São Brás de Alportel. O campo algarvio, um destino muito procurado por estrangeiros em relação ao qual gozo da extraordinária vantagem de não ter de passar por aborrecidíssimas esperas, check-in's e tudo o mais...

assim. Porque é da diversidade e da quantidade que também ressalta alguma qualidade. Em 300 exposições de pintura que o Algarve tenha, de certeza temos 30 ou mais exposições de grande qualidade. E isso é que é importante.

A qualidade não se mede pelo número de espectadores

Em termos de iniciativas culturais, há alguns exemplos que possam ser referidos como casos de sucesso?

Há muitos casos de sucesso, em que nem sempre a qualidade tem uma correspondente directa ao custo e ao número de espectadores. Há coisas de muita qualidade que têm poucos espectadores e há coisas com uma qualidade que se fica pela distração ou entretenimento que têm muitos espectadores. Mas hoje vivemos numa época em que quase tudo se reduz ao impacto mediático. Mas não é isso que mede a qualidade ou o valor que esses acontecimentos têm. Há acontecimentos projectados para grande público, há festivais que são projectados e feitos para público restrito e eu não sei se o **Trio do Carlos Barreto** no espaço do Teatro da Estrada, em Alte, por ter tido 40 pessoas não será melhor que alguns concertos que juntam quatro mil pessoas.

E que outras iniciativas?

Algumas são workshops e ateliers, ou como uma iniciativa que decorreu recentemente com a organização e o apoio da **DeVir**, que teve a ver com a **Plataforma de Criadores Portugueses**, que são iniciativas de intercâmbio europeus dedicadas à dança. Houve casos como o Festival Allgarve, em que os objectivos são outros, as lógicas de programação são outras. **Ultrapassámos a época em que havia apenas duas ou três linhas de programação.** Era a música e duas ou três exposições. Há um caso de grande sucesso, a Galeria do Centro Cultural São Lourenço, em Almcil, que é uma das instituições mais marcantes que nós temos e que está ainda em actividade e que, proximamente, em colaboração com o Instituto Universitário D. Afonso III (INUAF), a Galeria



“
JORNAIS:
É preciso é levar a que as pessoas (...) leiam mais jornais
”

ja esta em fase experimental disponível na internet e penso que isso ajuda o visitante que está aqui num determinado mês. A qualquer turista interessa saber o que é que há numa determinada terra e o que é que ela tem em termos de património, gastronomia ou artes de palco.

Jornais fazem boa divulgação de eventos culturais

A divulgação dos eventos culturais a decorrer no Algarve é suficiente?

Tenho uma pessoa bastante amiga, que é estrangeira e está cá há cerca de 30 anos, que diz que ouve muitas vezes os portugueses queixarem-se de que não há divulgação suficiente, quando basta abrir o jornal. Basta ir ao **POSTAL do ALGARVE**, porque vocês fazem uma boa divulgação, basta ir ao **Resident** ou ao **1,2,3**. O que se passa é que entre os múltiplos afazeres e solicitações que a vida moderna dá, e que não havia há 40 anos, as pessoas têm de procurar essa informação, porque ela está disponível. A informação existe, mas às vezes a preguiça é justificada com um "não sabia". Temos meios de saber, há sites, há jornais, há notícias. A Antena 1, cerca das 13 horas, dá uma divulgação ampla de muitas coisas importantes que vão acontecendo no Algarve.

A comunicação social algarvia tem acompanhado de forma razoável as várias iniciativas que têm decorrido?

Acho que sim. O facto de não se lerem mais jornais não é culpa dos jornais. É culpa da falta de leitores ou do cidadão, que em Portugal lê pouco ou que compra poucos jornais, se calhar compra mais outras coisas. Não tenho nada contra o desporto, embora não pratique, mas se calhar compramos mais jornais desportivos do que outros. Não digo que a informação desportiva não seja construtiva no campo cultural, cada um utiliza e gere a informação e os bons e maus exemplos como quiser, mas a informação existe. É preciso é levar a que as pessoas, não sei como, leiam mais jornais.

do Espírito Santo e a Câmara de Loulé, vai promover uma exposição de **Nuno Santiago**, um jovem e talentoso pintor. Estas instituições mantêm-se em actividade com lógicas completamente diferentes das de outras exposições que são feitas para outros públicos e com outros alvos. Nas artes plásticas, há iniciativas que têm tido continuidade e qualidade. Isso é que é importante. É admirável que uma galeria como a de São Lourenço, em Almcil, consiga quase há três décadas manter essa actividade. Essa galeria surgiu numa época em que pouca oferta cultural havia e hoje temos uma grande quantidade de salas de exposição.

Qual é a situação no campo das artes plásticas?

Temos exposições de arte contemporânea promovidas por várias Câmaras, nomeadamente Albufeira, Faro e Tavira, através da galeria do Palácio da Galeria. Os novos espaços vêm sempre trazer novas possibilidades. Os que estão

para nascer, como Bibliotecas e Arquivos, permitem sempre que se faça lá alguma coisa. O Arquivo Histórico de Loulé teve uma exposição sobre Fundos Documentais, a próxima Biblioteca de Castro Marim, que está para inaugurar, é mais um espaço com um pequeno auditório. São todos estes equipamentos que vão criar dinâmicas e promover necessidades e hábitos e práticas culturais. É disso que se trata e toda a gente está, de uma forma ou de outra, a trabalhar para esse fim.

Festivais de artesanato ou gastronomia também são cultura

Corre o risco de haver iniciativas que se sobreponham a outras?

Em qualquer cidade, quem quer ir ao cinema, tem de abrir o jornal e, se só houver uma sala, não há escolha, é um só filme. Hoje em dia, até pelas facilidades em termos de tempo de deslocação, há outro tipo de situações que nos per-

mitem escolher. No cinema há muitas possibilidades de escolha. Um filme não é contra o outro, as pessoas têm de escolher. Em qualquer cidade há duas actividades musicais e três exposições para ver. Isso é bom, as pessoas podem analisar e optar, vendo e fruindo daquilo que gostam, seja teatro, música, ou até um simples café-concerto ou um bar que tem um recital seja do que for. Tudo isso é cultura. Tal como feiras de artesanato, de gastronomia ou de antiguidades. São oportunidades para as pessoas contactarem com o seu património, que é a música, a cultura, a gastronomia.

O facto de acontecerem festivais de artesanato e gastronomia, especialmente nos meses do Verão em que mais potencial público vem ao Algarve, "rouba" público a outro tipo de eventos culturais?

Não se pode evitar essa situação. Felizmente, estamos num país livre há mais de 30 anos e todos os programadores são livres. Nós, no nosso Portal da

Cultura, já temos em termos da região um directório de eventos periódicos. Está em aperfeiçoamento, mas eu posso querer programar um Festival de Música e saber que na mesma freguesia ou no concelho ou lado, na mesma data ou na mesma semana há uma determinada actividade. Nós procuramos sistematizar e disponibilizar essa informação. Saber, em determinado mês, que festivais de música é que há no concelho e em outros concelhos. Ou que festivais de gastronomia é que há. Na Semana Santa da Páscoa, há vários dedicados ao foliar. Mas não podemos evitar isso. Todas as Freguesias, Câmaras, Paróquias e Pastelarias promovem um produto típico que vive na nossa gastronomia e faz parte do nosso património cultural. Há coisas que são evitáveis, outras não e os programadores também precisam ter informação disponível para se poderem organizar e montar os seus espectáculos. O nosso directório de eventos periódicos

Recuperação da Fortaleza de Sagres vai avançar

A Fortaleza de Sagres é o grande monumento da região...

O número de visitantes que tem fala por si. O facto de receber todos os anos meio milhão de visitantes quer dizer alguma coisa. Há interesse do público em Sagres. Curiosamente, mais de 60% dos seus visitantes são estrangeiros. Não é um interesse só nosso. Os estrangeiros têm interesse, não só na história de Portugal mas particularmente naquele sítio, embora haja muitos outros pontos de interesse no Algarve.

Que tipo de intervenção está o Governo a pensar para Sagres?

O caso de Sagres é preocupante, porque há que fazer qualquer coisa. O que quer que se

faça vai certamente custar muito dinheiro. Felizmente há um apoio do Governo português ao mais alto nível, quer do Ministério da Cultura, quer do Ministério da Economia, em conjunto com a CCDR do Algarve, que têm feito todos os esforços para que se canalizem verbas e se possa lançar rapidamente a recuperação de uma quantidade de edifícios que precisam de ser recuperados e de um programa de adaptação bem pensado e adaptado ao tempo em que vivemos. Que não são os que havia no tempo em que este projecto foi pensado, há 20 anos.

Já há decisões concretas?

Já há algumas decisões. A primeira decisão foi a do ministro da Economia e da ministra

da Cultura, no sentido de anunciarem e comunicarem que vai ser feita a intervenção. Há alguns estudos e algumas propostas, até algum debate sobre a questão porque, havendo verbas, não se deve gastá-las sem se pensar bem. É uma coisa que não depende só de mim ou dos arquitectos, não vai depender só de museólogos ou de historiadores, mas tem de depender de um conjunto de pessoas e de um grupo que trate deste projecto. É um projecto não só local, porque localmente interessa ao turismo, mas é um projecto a desenvolver num local que tem a ver, e muito, com a história nacional. Isto extravasava a história do Algarve e as fronteiras do próprio país, e é isso que justifica que haja, sobretudo,

mais visitantes estrangeiros do que nacionais na Fortaleza de Sagres. Apesar das actuais más condições e do serviço que não é possível prestar com a degradação que os edifícios têm e que toda a gente conhece e que muita gente reclama.

O que é que deve ser feito?

Estamos empenhados em melhorar o serviço e o acolhimento, melhorar os serviços educativos. Em relação a Sagres, é importante que isto seja encarado como uma questão nacional. Felizmente, todos estão mobilizados para isso, desde a CCDR, a Câmara de Vila do Bispo e a governadora Civil. Mas é preciso a ligação à comunidade, às autarquias e mesmo a grupos empresariais. É o caso

da PromoSagres, que é um conjunto de empresas, onde está também a Sociedade Central de Cervejas e alguns empreendimentos turísticos como o Hotel da Baleeira. E há também gente interessada em ajudar, em participar e, de alguma forma contribuir. É o que se passa em todo o lado, nomeadamente em cidades como Viena ou Berlim. Todos estes grandes monumentos estão virados para o que o turista procura.

Qual deverá ser a estratégia?

Não basta termos um museu com um horário à porta e quem vier que venha. Temos de saber quem vem e o que é que quer. Que género de visitante é que temos. Se são jovens, se são estrangeiros, se

são alunos e quais são as suas motivações particulares. Há quem visite museus e não visite todo o museu, quem queira ver apenas uma parte ou apenas um quadro. Temos de saber o que é que as pessoas procuram nos museus e também, em relação à comunidade e às empresas, como é que nos podemos articular com as entidades que estão envolvidas natural e geograficamente mas também com as que se querem envolver e participar no trabalho. É positivo estarmos abertos à cooperação com todos, sejam autarquias, que colaborem connosco nos serviços educativos, ou sejam hotéis que têm visitantes e querem desenvolver outros programas para além do que é feito habitualmente.